

”Os nomes que damos as coisas (acidentes, coincidências e explicações)”, *As Artes do Colégio, Volume 1 -Arte e Universidade*, Coimbra, Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, 2016, pp-35-38.

Os nomes que damos às coisas (acidentes, coincidências e explicações)

Miguel Leal

The Professor began fluently enough. “Once a coincidence was taking a walk with a little accident, and they met an explanation — a very old explanation — so old that it was quite doubled up, and looked more like a conundrum — ” He broke off suddenly.

Lewis Carroll, *Sylvie and Bruno* (1893)

A história deste texto começa já lá vão mais de dois anos. Tinha sido convidado pelo António Olaio para participar no *Encontro Arte e Universidade*, em Coimbra, e, apesar de algumas dúvidas em relação ao tópico, tinha preparado com cuidado a minha intervenção, com *powerpoint* e tudo. Chegado o dia, pus-me a caminho, ao volante do meu carro, na companhia do Pedro Tudela, que também tinha sido convidado a participar nesse encontro. Contudo, alguma coisa aconteceu antes de chegarmos a Coimbra. A meio da viagem o meu carro começou a arder e ficámos apeados, no meio da autoestrada, atónitos e um pouco assustados. Logo na altura fiquei com a sensação de que tinha sido o próprio carro a intuir uma hesitação, uma dúvida minha em relação à ideia de falar em público, uma vez mais, sobre as relações entre arte, investigação e universidade. Um certo inconsciente tecnológico, como gosto de lhe chamar, tinha-me resolvido um problema, um problema que eu não tinha (ainda) percebido em toda a sua extensão. Regressámos de reboque a casa e é claro que nunca cheguei a fazer a minha apresentação, ainda que esta estivesse pronta. Tinha-lhe chamado na altura ‘O nome que damos às coisas’ e, ao preparar este texto, pareceu-me que este título continuava a fazer sentido. No entanto, nessa manhã de Maio de 2013 em que uma coincidência resolveu passear com um pequeno acidente, surgiu, subitamente, uma explicação, uma velha explicação para a razão de ser do nome que damos às coisas.... Essa explicação era tão velha que mais parecia uma espécie de enigma, mas ainda assim tornou tudo mais claro, ou pelo menos assim me parece agora, à distância.

Pensei a minha intervenção nesse encontro em que acabei por não participar a partir da ideia de que não devemos esquecer como são importantes os nomes que damos às coisas. Esses nomes não são indiferentes, colam-se às coisas como os nomes próprios se colam às pessoas. Acontece que às vezes caímos na ilusão de que duas ou mais coisas se transformam na mesma coisa, ou se parecem umas com as outras, só porque lhes chamamos os mesmos nomes. A verdade é que

não há como esquecer um nome, a verdade é que não há como esconder um nome que se colou à pele de uma coisa ou de alguém.

A entrada do ensino artístico nas universidades encheu as escolas de arte de novos nomes, das faculdades às cátedras, dos créditos às unidades curriculares, das horas de trabalho às horas de acompanhamento, ou dos conselhos científicos aos professores doutores. De todos esses novos nomes um ganhou uma expressão especial: trata-se da investigação, a maioria das vezes chamada científica, ainda que por vezes seja a própria comunidade científica a primeira a questionar essa cientificidade, essa *autoridade* do modelo científico. Acontece que a chegada da arte à universidade também contaminou a seu modo a academia e ajudou a criar alguns anticorpos. Numa tentativa de mascarar o problema, passou-se a admitir o uso de nomes como *investigação artística*, *investigação baseada na prática*, entre outros (ainda que, em última análise, essa investigação tenha sempre que ser científica ou, pelo menos, responder à pretensa seriedade contra-empírica da ciência). Apesar do esforço, todos esses nomes parecem deslocados e acabam, muitas vezes, por condicionar, conduzir e transformar aquilo que querem nomear.

Escrevi já várias vezes que há na expressão *investigação artística* qualquer coisa de redundante, na medida em que pensar a relação entre a arte e a investigação será antes de mais pensar a relação da arte consigo própria. Esta ideia simples mas radical torna difícil conjugar arte e investigação num mesmo nome, produzindo assim uma contradição insanável, nascida no seio de muitas universidades por esse mundo fora e da tentativa que tem sido feita, por exemplo, de incorporar a arte no regime normativo dos programas doutorais ou dos mecanismos de legitimação daquilo a que se convencionou chamar ciência e tecnologia.

A relação da prática artística com a ideia de que possa existir lugar para um ensino artístico viveu sempre de equilíbrios instáveis e nem sempre foi muito amorosa. Na história recente desse ensino, as melhores escolas terão sido aquelas que viveram menos dos mecanismos internos de legitimação e mais de uma abertura ao mundo, mantendo-se flexíveis e abertas à mudança, sem prescindirem da sua autonomia. Depois de algumas ameaças, esse equilíbrio, imperfeito é certo, e que vivia em grande parte dos diferentes graus de autonomia que o ensino artístico foi conquistando, aqui e ali, e que lhe foi permitindo afirmar a *diferença operativa* que lhe é essencial, foi definitivamente posto em causa com a recente importação dos modelos da investigação científica e universitária. E note-se que essa importação resulta tanto de uma imposição normativa como de uma *servidão voluntária* a que as próprias escolas artísticas se quiseram sujeitar.

Quando confrontado com essa ideia de autonomia e abertura ao mundo, o triângulo *Universidade – Arte – Investigação* parece muito pouco amoroso. Não é que os triângulos amorosos não possam ser excitantes. Parece-me é que neste caso há alguém, alguma coisa, ou algum nome a mais aqui. São três nomes difíceis de articular entre si e que conjugam várias impossibilidades, tanto semânticas como operativas.

Quando ouço falar de investigação, dessa investigação de que se fala na universidade, lembro-me mais depressa das séries televisivas de investigação policial e forense do que da arte e dos seus processos. Uma hipótese seria substituir *investigação* por *pesquisa*, como se faz no Brasil, o que nos poderia

fazer lembrar o romantismo da pesquisa dos garimpeiros e a coragem dos exploradores face ao desconhecido. Mas isso seria apenas mais uma fantasia, uma mera dança de nomes que em nada nos ajudaria a resolver o problema. Esse problema é o de reconhecermos de uma vez por todas a força e a importância dos nomes que damos às coisas. É reconhecer que a universidade, com os seus doutoramentos e os seus doutores, júris e tribunais, com os seus pares e as suas cátedras, com a usura dos seus créditos, com a sua investigação, a sua seriedade e rigor científicos é para a arte algo de estranho, mesmo quando estas coisas partilham, por engano ou coincidência, um nome com as coisas da arte. Pensar o lugar da arte, do ensino da arte e da prática artística no contexto da universidade seria assim, antes de mais, pensar nas possibilidades de resistência aos regimes de controlo a que a universidade também deu um nome, o seu próprio nome. Inventar um lugar para a arte na universidade é, em suma, afirmar a sua diferença operativa e reconhecer que se possa estar dentro e fora ao mesmo tempo, com todas as consequências desse gesto.

Antes de ter participado no encontro improvável entre uma coincidência, um acidente e uma explicação, em plena autoestrada Porto-Lisboa, eu sabia que havia um desconforto, uma dúvida em relação à ideia de juntar um grupo de pessoas para discutir a relação entre arte, investigação e universidade. Depois de ter sido forçado a voltar para trás, sabia que a razão de ser desse desconforto se ligava à relação difícil, por vezes até impossível, entre o território da prática artística e os mecanismos de legitimação académica da universidade, com os seus códigos próprios e a sua ideia de investigação científica. Nessa manhã, foi o meu velho Opel Astra a mostrar-nos o caminho de volta a casa, no sentido oposto a uma discussão na qual eu talvez não devesse participar, porque na verdade me parece que os nomes estão todos errados e que deveríamos começar por esquecer os professores doutores, os doutoramentos e a investigação, bem como quase tudo o resto, para radicalizar depois a ideia do que possa ser fazer e pensar a arte, na escola e fora dela...